



OS JOGOS COOPERATIVOS NAS SERIES INICIAIS

Marcela Aparecida Barbosa da Silva

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa bibliográfica busca através da utilização dos jogos cooperativos nas escolas de 1^a a 4^a séries do Ensino Fundamental como apresentar as diversas oportunidades de melhorar a qualidade do processo de ensino, assim poder aprimorar as relações entre os seres humanos nos seus processos de construção do conhecimento. Desta maneira se procura favorecer as modificações cognitivas, isto é aprendizagem, dos alunos, para que o ambiente estimule as descobertas e as realizações dos alunos.

Partindo do princípio de que podemos contribuir com a educação das novas gerações e que é nosso trabalho melhorar o mundo em que vivemos, devemos então incentivar a utilização dos jogos cooperativos visto que estes possibilitam as práticas de respeito evitando atitudes de exclusão ou de discriminação na escola e em especial nas aulas de Educação Física.

O mundo atual tem vários pontos de contraste, de um ponto encontramos o desenvolvimento científico e tecnológico e no outro oposto encontramos as muitas angústias e divergências entre os seres humanos. Deixando claro que há falta de respeito entre as pessoas e sobre as opiniões alheias, assim como vemos o medo entre os desconhecidos, sem ver que há nas diferenças a diversidade de idéias, culturas e conhecimento que é enfim a riqueza que deve ser compartilhada entre todos.

Ressaltamos que neste trabalho certos argumentos sobre a necessidade atual para a formulação de um novo paradigma educacional. Assinalando a prioridade para a necessidade das experiências que visem vivenciar os valores humanos através dos jogos cooperativos nas escolas de 1^a a 4^a série do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física. Desta forma vemos que é necessário mais do que uma nova proposta pedagógica, devemos melhorar o comportamento entre as pessoas valorizando a vida.

Por toda a história vemos que o grande desafio tem sido aprender a lidar com os conflitos sem violência. Para isso vemos o professor como um importante mediador destas divergências e nele repousa a grande responsabilidade pelas mudanças de atitude e de procurar soluções pacíficas.

Notamos muitos pontos que devem ser melhorados no relacionamento entre os professores e os alunos, entre alunos e alunos enfim entre todos, tanto entre as crianças como entre os jovens. Pensando em tudo isso é que os jogos cooperativos aparecem e são a cada dia mais difundidos, pois pretendem sensibilizar a todos os professores e que ensinar seja apoiar e auxiliar na superação de obstáculos visando promover o respeito as diferenças individuais, respeitando a inclusão de todos no mesmo espaço, com um profissional serio e comprometido com a educação a formação de valores e incentivo a cultura e desenvolvimento.

A universidade é um espaço privilegiado que uma formação compatível a nosso tempo, tendo o adulto como foco para que este aprimore seu trabalho com os jovens e as crianças. Assim a importância para a formação de um bom profissional que poderá aportar às escolas novos conceitos para as relações humanas, resgate dos valores através de atividades práticas de convivência sem violência, buscando o equilíbrio e as soluções pacíficas.

Em busca das possibilidades de mudanças paradigmáticas em relação ao modo como são vivenciadas as relações atuais baseadas na competição e na seleção, apresentamos os jogos cooperativos como um instrumento para reeducação social por meio dos jogos desempenhando papel decisivo na atuação dos professores de Educação Física.

A Organização das Nações Unidas propôs em 1990 “quatro pilares” para a educação contemporânea: aprender a fazer; aprender a conhecer; aprender a ser; aprender a conviver. “Pilares” que a Educação Física, por meio das aulas, pode ofertar, desenvolvendo uma competência social ampliada, em prol do bem comum. Aprendemos estabelecendo relações humanas íntegras e integrativas.

A partir deste conceito entende-se a mediação do professor pelos jogos cooperativos permitindo que cada aluno descubra nas relações com o mundo e com os outros, o que todos e cada um têm de melhor. Por isso estes jogos não são ensinados, mas sim vivenciados.

Importantes conceitos devem ser entendidos antes de entrar no assunto diretamente, visto que novas palavras podem trazer enganos que devem, sem dúvida, ser evitados.

Sendo assim claras e objetivas definições tornam-se essenciais para este trabalho como, por exemplo:

- a. citado por Brotto (p.39, 2001) Zajonc nos explica que competição é “o que A faz, é no seu próprio benefício, mas em detrimento de B, e quando B faz em seu próprio benefício, mas em determinação de A.”
- b. cooperação conforme definição de ZAJONC que considera que uma atitude é cooperativa quando “o que A faz é, simultaneamente, benéfico para ele e para B, e que B faz é, simultaneamente, benéfico para ambos”. (BROTTO, p. 38, 2001)
- c. critérios de mediação são formas de interagir para que o mediador, o professor, possa contemplar e integrar em sua comunicação com o mediado no caso o aluno.
- d. educação física é a área do currículo que lida diretamente com as questões do corpo e do movimento. Tal peculiaridade oferece um recurso precioso para abordar questões essenciais da formação dos alunos conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais.
- e. exclusão é o ato pelo qual alguém é privado ou excluído de determinadas funções ou direitos.
- f. mediação manifesta-se como um tipo de interação entre o sujeito e o mundo que o rodeia. Certos estímulos do meio são interceptados por um agente, que é um mediador, que os seleciona, os organiza, os reordena, os agrupa, os estrutura em função de uma meta específica.

A ESCOLA COMO ESPAÇO SOCIAL

No contexto encontrado em muitos discursos educativos, acredita-se que no espaço social da cultura escolar encontramos a reprodução da cultura dominante.

Muitos autores afirmam esta visão como no seguinte que cita, “A escola é, na teoria tradicional, uma instituição ou um aparelho do Estado. Tanto na versão positivista (Durkheim), como nas versões críticas (Althusser, Bourdieu), sua pertença ao Estado transforma-a automaticamente em representante unívoca da vontade estatal” (EZPELETA, 1989, p.12).

Muito se comenta sobre a educação como sendo um instrumento de reprodução da cultura dominante, sendo que se entende como sendo uma boa maneira de elevar níveis econômicos, quando se formam diferentes classes trabalhadoras, mas mesmo assim classes trabalhadoras e não dominadoras.

A sala de aula tende a reproduzir a forma que a sociedades é formada, e assim não permite a quebra deste constante círculo vicioso em que vivemos. Para que o professor possa sair deste círculo, ou bem ajudar a seus alunos a saírem deve, em primeiro lugar procurar alternativas pedagógicas que colaborem com a sua prática inovadora que formara uma nova geração.

Torna-se fundamental que possamos conhecer pontos de vista que esclarecendo onde estamos nos permitam criar a possibilidade de um novo horizonte. Desde este ponto apoiados em pensadores destacamos Petitat, na fala de Bourdieu e Althusser de falam sobre este círculo quando citam que, “as principais teorias sociológicas da educação e do ensino repousam sobre o princípio da reprodução, da contribuição para a manutenção da dominação de classes ou do equilíbrio social.” (PETITAT, 1994,p.11)

Assim dentro da escola o papel do professor de Educação Física torna-se muito marcante, visto que este pode reproduzir atividades diretamente ligadas a vida fora da escola, como o relacionamento como o outro dentro do trabalho, ou até mesmo no trânsito ou na fila de um banco, com a prática do entendimento do outro e do respeito as ser humano, assim como dos direitos, e acima de tudo, ressaltamos principalmente o senso de justiça que com a pratica do respeito às regras pode ser entendida e praticada.

Para possibilitar que o aluno tenha uma visão crítica de suas atitudes ele deve ser o ator principal, de maneira que possa ver, sentir e agir de acordo com a sua visão, mas aos poucos a prática esportiva, quando associada de uma filosofia social, passa a propiciar-lhe um novo foco de seu papel social.

Confirmando este pensamento encontramos a teoria de Bourdieu que esclarece dizendo que “a violência simbólica da escola parece duplamente importante no reforço do poder estabelecido e na seleção das elites” segundo PETITAT (1994,p.34) assim vemos que a violência simbólica que continua oculta, pois ninguém fala, ainda permanece viva na escolas em muitas de suas ações diárias como as de premiar o aluno que fez esquecendo o que não terminou.

A valorização que o professor propõe demarca, para alguns, que seu lugar será sempre inferior a outros, e que somente vencem poucos, mas sempre os mesmos. A exclusão, que é tão condenada, permanece em sua forma mais cruel.

Assim constatamos que a escola, nos parâmetros atuais, ainda mantém a imagem que nos esportes também devem ser classificados como os melhores, pois a vitória e a superação do outro é o objetivo principal.

Visto isso, podemos ter uma idéia de que indivíduo as escolas estão formando já que,

“a escola destaca a sua função de instituir, enquanto que a principal delas é selecionar; afirma difundir a cultura de todos, quando privilegia a da maioria dominante; (...) disfarça as desigualdades de resultados apresentando-as como diferenças biológicas (...) tudo contribui para inscrever no espírito dos alunos o sentimento de sua inferioridade social e os ideais da pequena burguesia”(PETITAT,1994, p.24)

Com esta afirmação percebemos o quanto o esporte pode pôr na sombra as desigualdades sociais, com um discurso de que são naturais visto que se entendem como diferenças biológicas. Mas o que temos de aprender é que a desigualdade não pode criar a exclusão e sim o aproveitamento das potencialidades para assim todos possam dar o máximo e que o grupo se supere.

O papel da escola necessita questionar-se a respeito do seu papel quanto a reprodutor das desigualdades, possibilitando uma transformação social impedindo o ciclo onde os privilegiados são os dominantes e os renegados permanecem como dominados. A grande questão encontra-se no momento em que as escolas tratam a todos como iguais e dessa forma reproduzem as desigualdades existentes no contexto social.

Por outro lado, ainda encontramos a família que é um fator determinante no incentivo a leitura, curiosidade, equilíbrio emocional, evitando a exclusão social dos menos favorecidos culturalmente.

Não podemos confundir nível econômico com nível cultural, o que temos que ver é a possibilidade que o aluno tem ou não, de acesso a conhecimento formal de maneira a possibilitar um desenvolvimento cultural favorável.

O esporte deve servir como instrumento essencial de aproximação entre as pessoas, criando uma sociedade cooperativa, onde a superação é base para resolução dos problemas comuns. Re-significar os conceitos de trabalho em equipe incentivando o aprimoramento do indivíduo para assumir o seu papel social.

Há marcos históricos que apresentam sociedades como as indígenas onde, a vida em sociedade não incentiva comportamento de inveja nem o individualismo fazendo da cooperação a base de todas as atividades sociais.

Em nossa educação escolar, como alunos, foi priorizada a competição sem ver o quanto prejudicava os perdedores que eram mantidos como excluídos permanentes, e agora dentro desta disciplina temos a oportunidade de mostrar e apresentar diferentes possibilidades de trabalho atitudinal.

“A autoridade adulta, se bem que constituindo, talvez, um momento necessário à evolução moral da criança, não basta para constituir o senso de justiça.(...) Este só se deve na proporção do progresso da cooperação e do respeito mútuo, de início, cooperação entre as crianças, depois, cooperação entre crianças e adultos”. (PIAGET, 1977, p. 275)

Os sentimentos que são estimulados e trabalhados dentro desta perspectiva no sentido de formação da personalidade e da auto-estima, contribuem para a formação da ação cooperativa que precisa ser conhecida e vivenciada pela criança desde a infância, através dos exemplos que os professores oferecem e das atividades que serão exploradas por eles nas aulas de Educação Física.

1.2 A EDUCAÇÃO E A PROPAGANDA

A mídia controla uma linguagem muito particular, em especial a televisão que segundo BOURDIEU (1997) “um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica” e ainda acrescenta que a cultura social que representa é a determinada pela cultura ou poder econômico dominante. BETTI (1998, p. 122) acredita que “a televisão é um poderoso meio para acelerar a incorporação das subculturas esportivas à cultura esportiva dominante”. Os valores instituídos pela televisão são apresentados como padrões de conduta, incorporados, aceitos e defendidos de maneira geral pela sociedade, muitas vezes de forma alienada e não crítica, não percebendo que está sendo manipulada.

Sobre a mídia vemos que o autor ainda destaca que segundo BOURDIEU (1997),

“numa sociedade em que a economia individual e a multiplicidade das opiniões são admitidas, mas na qual, por exigências econômicas realiza-se um direcionamento ‘oculto’ da opinião, a indústria cultural adota os meios da persuasão comercial, ‘mas ao invés de dar ao público o que ele quer, sugere-lhe o que deve querer ou deve acreditar que quer’.” [...] “a capacidade de tornar-se instrumento eficaz para a conservação da ordem estabelecida, mediante a reposição contínua daquelas opiniões e daqueles gostos médios que a classe dominante julga mais apropriados para manter o status quo”(BETTI, 1998, p. 45)

Como vemos a televisão passa a ser usada como um útil e eficaz aparelho de reproduzidor da ideologia do estado, mas de forma muito sutil, o que a torna mais difícil de identificar o poder que ela alastra. Ainda parece propor novos olhares a velhos problemas, dizendo até que apresenta novos paradigmas para uma sociedade mais justa e diminuindo as diferenças socioeconômicas.

BETTI deixa isso claro quando cita BOURDIEU “O objetivo da cultura dominante é apresentar a si própria como natural – a única possibilidade de fazer as coisas. A sobrevivência de culturas residuais e o aparecimento de culturas emergentes demonstram a existência de outras possibilidades” (1998, p.120)

No meio de todas essas informações encontramos pequenos espaços em comunidades de pensadores em ONGs, instituições escolares e outros poucos espaços que encontram lugar para a mudança, mas lenta e pequena. Da mesma forma esperamos que o professor possa exercer seu papel de crítico deste modelo, para que seus alunos tenham a chance de não serem engolidos pela estrutura da sociedade atual.

Há várias situações que o professor vive na escola que lhe dá a oportunidade de pôr em cheque as suas atitudes, como é o caso do entendimento da violência simbólica que tanto nos rodeia e é tão difícil de afastar da nossa fala e de nossa atitude diária, como afirma BOURDIEU é, “uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com freqüência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la”. (BETTI,1998, p. 45)

Através do reconhecimento desses mecanismos sutis de dominação e violência simbólica, aos quais estamos à mercê, necessitamos que os que se encontram em situação de dominação, por meio de análise crítica, percam a ingenuidade e retirem a máscara da própria ignorância que os assola.

BETTI ainda afirma que, “postura do homem de cultura, diante do novo meio, deve ser a de reconhecer as possibilidades culturais da televisão e compreender a necessidade de integrá-la numa função de denúncia e convite à discussão, o que exige, sem dúvida, uma ação política consciente.” (1998. p. 45)

A ligação direta entre a ação da violência simbólica e os meios de comunicação é mais estreita do que se vê em primeiro momento, visto que os meios de comunicação são responsáveis pela propagação de todos os ideais da cultura dominante.

Conforme BETTI, BOURDIEU deixa claro em vários momentos a sua visão sobre esta questão, provocando no leitor vários pontos a pensar e diversas situações onde encontramos a propaganda em nossa forma de ser e de pensar.

“(…)um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças”. “(…)o universo do jornalismo é um campo, mas que está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência”. (1998, p.57)

Como vemos a grande procura da elevação dos índices de audiência tornam os programas acessíveis a todos os pensamentos banais e de conteúdos questionáveis, mas são estes que atingem maior audiência, que por sua vez eleva o valor do espaço, da emissora e do próprio lucro direto.

A TV educativa mantém-se como recurso em busca da qualidade pela parcela social dentro de “uma cultura residual ou emergente” como define o autor anteriormente. Lamentavelmente no Brasil, ainda encontramos muitas dificuldades para dispor de direito a concessões televisivas para programas destinados a jogos, fatos sem opiniões estruturais e documentários puramente informativos.

Desta forma percebemos como os interesses capitalistas conseguem vencer os ideais transformadores, deixando que o povo a cada dia mais seja uma massa manipulável dentro do sistema capitalista.

Da mesma forma que os programas sofrem a influência manipuladora, temos o esporte que sofre a mesma influência, BETTI cita BROHM,

“(…)o esporte reflete a estrutura da sociedade capitalista industrial, é parte integrada da totalidade concreta do dinamismo dessa sociedade. O esporte condensa, de maneira específica e original, as características típicas capitalistas: competição, hierarquia social, objetivação e mediação da produção, divisão do trabalho, princípio do rendimento.” (1998, p. 93)

Todas essas típicas características capitalistas, permeiam o cotidiano da sociedade, como vimos, e cabe ao professor de Educação Física apresentar um posicionamento crítico em suas aulas, pelo esporte com seus alunos.

Sem uma postura adequada a ele provocara a seletividade dos praticantes em detrimento de uma grande maioria dos alunos, mantendo a exclusão social. Esta exclusão é sutil e sem perceber o aluno internaliza seu fracasso como natural, já que a maioria se encontra na mesma situação se iguala a muitos reforçando a exclusão.

Tantos perdem e tantos abandonam os esportes já que poucos podem vencer desistem dentro e fora da escola. Isso é o mais comum em todas as escolas do país, sobretudo nas zonas periféricas. BETTI afirma que, “(...)o esporte pode vender qualquer produto e não apenas a si próprio.” (1998,p. 79) Visto que é formada pela elite vencedora a qual é objeto de desejo da grande massa que fracassou e ficou para trás.

Ainda impõem aos telespectadores os pontos de vista das emissoras, onde mais uma vez notamos a reprodução ideológica por sua interpretação das imagens escolhidas. Assim termina por nos vender a idéia do que é o esporte e do que é ser esportista. BOURDIEU cita em BETTI que, “os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado”, (1998, p. 25) isso nos alerta para perceber que todos estão inseridos neste mar de dominação ideológica. Assim, somente uma pequena parcela tenta manter-se a margem, assumindo uma postura crítica diante a ideologia capitalista e do estado dominante.

A propaganda e junto com ela a televisão, de modo geral, apresenta modelos que não são dignos de serem imitados, mas continua sendo um dos principais meios de comunicação em massa, “linguagem-imagem da televisão compõe-se de estereótipos que despertam e representam as imagens do inconsciente do telespectador e, assim demonstram como devem comportar-se – de acordo com os desejos do sistema.” (BETTI, 1998,p. 38)

Dentro da escola temos espaço para pôr em discussão com os alunos, propor momentos de análises críticas a cultura do corpo, da vida e dos objetivos entendidos como progresso. Podemos abordar tantos assuntos dentro das aulas que é só se organizar para poder trabalhar de forma organizada, os assuntos que mais sejam relevantes. “Contribuir para a formação de um espectador crítico, inteligente e sensível é uma tarefa que se impõe à Educação Física e a seus profissionais, o que lhes aumenta a responsabilidade como elementos dinâmicos da cultura.” (BETTI, 198, p. 151)

Torna-se essencial para o professor de Educação Física oportunizar espaços de discussão dentro de uma visão transdisciplinar já que podem aparecer durante as aulas a partir de fatos de acontecem na escola, na aula e na comunidade escolar. Esta conduta transdisciplinar do professor deve ser natural, sem destaque especial a um único acontecimento e imparcial para instigar e favorecer a participação de todos e estimula a participação. BETTI destaca que o grande trabalho do professor na escola está no de

“introduzir e integrar o aluno na cultura corporal do movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, da dança e das ginásticas em benefício de sua qualidade de vida.” (1998, p. 91)

O autor ainda acrescenta que, “Se os educadores querem posicionar-se perante a televisão, devem conhecer o meio e a sua linguagem. Se a Educação Física quer intervir no campo do esporte, precisa conhecer os fundamentos do esporte televisivo.” (1998, p. 146) Os profissionais que se dedicam ao esporte são muito exigidos em seu rendimento e sofrem com árduos treinamentos e também pela falta de patrocinadores, cujo interesse está centrado principalmente no futebol ou algumas poucas estrelas, ao mesmo tempo a própria tensão do público, frequentemente instigados pela mídia que não valoriza nada além do vencedor.

A rivalidade no esporte é explorada de maneira sensacionalista junto os espectadores, chegando a incitá-los, uns contra os outros, em toda escala, de pequenos a grandes campeonatos, de municipais a internacionais. Salientamos que não podemos aprovar a forma como alguns torcedores manifestam a sua preferência, chegando a matar somente por ser do time rival.

“Não é menos verdadeiro que o esporte telespetáculo muda nossa maneira de perceber e, talvez, de praticar esporte. Apresenta-se-nos, então, uma nova proposição de esporte, que cabe à Educação Física apropriar criticamente se quiser atualizar sua tarefa educativa e se ousar apostar na educação pela e para a linguagem audiovisual.” (BETTI, p. 142)

O rendimento máximo no esporte é incentivado pela mídia de forma freqüente, desta forma o incentivo atinge o ambiente familiar desde a primeira infância, cobradas para vencer para não frustrar os familiares. BETTI constata em várias situações diárias como, “*a experiência lúdica das crianças é contrastada com o esporte. Lembremo-nos do anúncio: ‘Brincando nada... Treinando para as Olimpíadas do ano 2000’. [...] Nunca são crianças que brincam, mas a geração do futuro, os craques de amanhã, os atletas do ano 2000*”.(1998, p. 91)

Os telespectadores de maneira geral são levados pela mídia a admirar e dar preferência aos atletas profissionais, e não aprovam que uns perdem e que outros ganham. Para alcançar a vitória, os pais com poder aquisitivo, investem em atividades esportivas variadas não mantendo o futebol com esporte único.

Precisamos oferecer mais do que isso, fugir dos papéis estereotipados que o esporte costuma apresentar, podemos valorizar a participação sem a rivalidade, não precisamos procurar o super-atleta, podemos procurar o desenvolvimento e a valorização do individual. Acreditamos que podemos construir junto à criança valores sociais com caminhos mais amplos dos que encontramos atualmente.

A sociedade pode pedir locais de esporte coletivo e buscar a qualidade, buscando neutralizar os meios de comunicação que promovem o individualismo, a competição extrema, assim como a supremacia do forte sobre o fraco, em detrimento dos valores fundamentais da sociedade justa como a solidariedade, a cooperação, o respeito, a amizade e a igualdade.

A Educação Física dentro das escolas deve incentivar um comportamento cooperativo, afastando a violência, e retomando o diálogo, valorizando o controle das emoções, aceitando o ser humano diferente em sua singularidade.

A COMPETITIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Destacamos a visão de SPARKES, citado por FERREIRA (2000), é “um encontro social entre dois ou mais indivíduos, no qual existe um embate consciente por um objetivo comum que tende a estabelecer a supremacia de um dos lados.” Margaret Mead definiu a competição como o ato de procurar ganhar o que outra pessoa está se esforçando para obter, ao mesmo tempo. Competição pode não promover excelência.

JOGOS E DESENVOLVIMENTO POR PIAGET

As fases de desenvolvimento das crianças e adolescentes são fundamentais, para os professores de Educação Física, pois assim pode ver como acontece a construção da inteligência do indivíduo e pode entendê-lo como ser fragmentado e ao mesmo tempo integrado em todos os seus aspectos motores e psicológicos que o tornam singular.

Piaget abordou vários aspectos do desenvolvimento humano, entre elas o desenvolvimento intelectual, possibilitando ao educador um entendimento do desenvolvimento dos alunos em idade escolar.

Para Piaget a epistemologia genética analisa a construção do conhecimento pela criança, em quatro grandes estágios do desenvolvimento intelectual:

1º Estágio sensório-motor do 0 aos 2 anos.

A criança aprende através das experiências práticas, partindo de exercícios reflexivos inatos indo até a construção de representações simbólicas, determina-se pela presença de objetos, de diversas situações e das pessoas a seu redor. O recém nascido estimulado obtém e organiza as informações recebidas através da exploração do espaço que o cerca.

Durante a infância as crianças precisam de um ambiente acolhedor e emocionalmente estável, que garante o estabelecimento de vínculos com as pessoas em seu redor. O adulto passa a ser um mediador fundamental para que a criança se aproprie do objeto conhecido, e assim integra-se aos seus esquemas mentais.

A criança é apresentada ao mundo por meio dos adultos e seus objetos, criança sem vínculos apresenta uma carência afetiva que provoca riscos no aprendizado e no convívio social.

Passando por muitas situações distintas a criança no final do segundo ano as crianças têm noções de objetos permanentes (relação meio e fim), tempo e espaço,

2º Estágio pré-operacional dos 2 aos 7 anos.

A principal característica do início deste estágio é a função simbólica, isto é, a criança constrói um significado através de um significado, por meio de uma representação ou imagem mental.

A criança transforma o mundo adulto e o assimila para si através dos jogos de faz de conta. Neste estágio a criança é egocêntrica, olhando somente a si mesma tem dificuldades em se colocar no lugar do outro. Uma outra situação que aparece nessa fase é o Animismo, ou seja, a criança da vida a seres inanimados, e tende a vê-los como vivos e conscientes, com emoções intensas. O mundo de fantasia das representações mentais é o passo fundamental que diferencia os seres humanos de outros animais, desta forma é responsável pelo nascimento da inteligência neste período.

A criança diverte-se com exercícios motores, mas não ainda em atividades com regras e coletivas. Neste período encontramos um grande numero de crianças em creches e pré-escolas, é fundamental criar espaços de estímulo e convivência social, adequados por meio de mediadores, professores, bem formados para que desenvolvam o máximo das potencialidades desta fase tão importante do desenvolvimento infantil.

Neste período a criança desenvolve a lateralidade e suas preferências motoras, assim, se mal informado, o profissional pode querer forçar que a criança mude seus hábitos motores, chegando a punir seu uso. Em relação ao esquema corporal, a criança segue construindo novos elementos e combinações, simultaneamente ao desenvolvimento da maturação biológica e às aprendizagens que a criança realiza sozinha ou estimulada por um adulto.

Nesta idade as crianças muito tempo em atividades solitárias, mas quando avançam em suas descobertas e mais se desenvolvem mais conseguem integrar-se a vida social do grupo.

3º Estágio das operações concretas dos 7 aos 11 anos.

Neste estágio a criança supera as características anteriores e constrói a lógica e a reversibilidade. Ela passa a construir o conceito da necessidade da reciprocidade e passa a agir conforme as regras do grupo. O estabelecimento e o trabalho com regras se estabelecem principalmente entre os 8 e 9 anos, neste período há uma grande exaltação a elas.

4º Estágio de operações formais a partir dos 12 anos, marcando o início da adolescência.

Neste estágio o pensamento passa a produzir operações dedutivas, com lógica e análise teórica. Agora as operações formais são importantes no estabelecimento da identidade pessoal, e junto com os componentes sociais envolvidos. A construção da identidade formou-se nas etapas anteriores, mas neste ponto o adolescente observa e julga a si perante o que pensa do julgamento dos outros para si.

COLL explica como o auto-conceito é construído na interação social, assim, “a conduta do professor em relação ao aluno será determinante para o auto-conceito da criança, pois os sentimentos que o aluno tem sobre si mesmo dependem, em grande parte, dos comportamentos que percebem que o professor mantém em relação a ele.” (1995, p. 201) Desta forma o sentimento de formar parte de um grupo é extremamente forte e muito relevante para estabelecer uma conduta nas atividades que serão desenvolvidas.

Para um bom desenvolvimento do trabalho em grupo o professor deve levar as atividades para serem discutidas em grupo, e achar as alternativas diferentes e o papel do esporte na construção do comportamento do aluno e deste em seu grupo. PALÁCIOS in

COLL nos alertam que, “os pais e professores acusam com frequência os adolescentes de não saberem o que querem. Certamente os adolescentes estariam, muitas vezes, em seu direito, se respondessem aos pais e educadores que estes não sabem o que lhes oferecer.” (1995, p. 270)

O homem é o único animal que acumula cultura, transmitindo-a de geração a geração. À medida que isso ocorre o ser humano evolui e as pessoas mudam com o tempo. O professor usa a discussão para entender a mudança, possibilitando as adaptações dos adolescentes respeitando suas diferenças e seu desenvolvimento.

Em suas observações e pesquisas PIAGET explica que os estágios de desenvolvimento das crianças sempre têm a mesma ordem, mesmo com pequenas variações de idade segundo o contexto onde a criança está inserida e suas experiências particulares. Colocando como sendo quatro os principais fatores de influência: maturação biológica, experiências adquiridas, interações e transmissões sociais. Através da equilíbrio ele assimila as diferentes influências.

A teoria de PIAGET anda diferencia os jogos em três tipos distintos: os jogos de exercícios, jogos simbólicos e jogos de regras. Assim definidos, os jogos de exercício se caracterizam dentro da fase que vai desde o nascimento até o aparecimento da linguagem, definidos pela repetição de exercícios pelo simples prazer funcional da atividade. Os jogos simbólicos são os que caracterizam a etapa que vai desde o início da linguagem até dentro dos 6 e 7 anos, os símbolos representam um objeto ausente, podendo reproduzir e prolongar a realidade à necessidade da criança, assim encontra uma forma de expressar e construir as emoções que o envolvem, resolvendo conflitos inconscientes como medos, agressões, abusos ou frustrações. Por fim os jogos de regras que iniciam entre os 6 e 7 anos, as regras trazem relações sociais harmoniosas, decorrentes das atividades lúdicas que serão desenvolvidas com outras crianças.

“Um primeiro estágio, puramente *motor e individual* em função de seus próprios desejos e de seus hábitos motores. As regras são motoras e não coletivas. Um segundo estágio, *egocêntrico* [...] entre dois e cinco anos. as crianças mesmo quando juntas, jogam ainda cada uma para si (todas podem ganhar ao mesmo tempo) e sem cuidar da codificação das regras. Um terceiro estágio, *cooperação* nascente, aparece por volta dos sete ou oito anos o aparecimento da necessidade do controle mútuo e da unificação das regras. Finalmente, aos onze/doze anos, aparece um quarto estágio é o da *codificação das regras* [...] as partidas daqui em diante são regulamentadas com minúcia, até nos pormenores dos procedimentos [...] o código das regras a seguir é agora conhecido por toda sociedade.” PIAGET (1997, p. 23)

Os jogos são usados por todas as crianças como forma de desenvolvimento e aprendizagem permanente, cabe ao professor de Educação Física e a os outros professores

da escola. Aproveitar o máximo de cada fase e de cada jogo, conseguindo atingir as suas potencialidades e da criança, de maneira a facilitar que a criança se desenvolva de forma harmoniosa, o que sem dúvida tem uma influência em toda sua vida adulta.

OS JOGOS COOPERATIVOS

A competição e a cooperação provêm das diferentes visões de mundo e podem ser aprendidas no cotidiano. “O que buscamos sempre é a criação de uma sociedade realmente para todos, gerando novos princípios: celebração das diferenças; direito a pertencer; valorização da diversidade humana; qualidade de vida para todos; direito à felicidade” (SOLER, 2002, p. 57).

Acrescentamos ainda que os jogos cooperativos estimulam a promoção da auto-estima e excitam a convivência, possibilitando a prevenção de problemas sociais. Os Jogos Cooperativos surgiram, segundo TEIXEIRA (2001), “da reflexão do quanto a cultura ocidental principalmente, valoriza excessivamente o individualismo e a competição.” Desta forma podemos questionar a sociedade que vivemos e nos permite acreditar que é possível criar e transformar através dos jogos, visando alcançar novas metas.

Os jogos cooperativos passam a ser usados dentro das escolas como uma ferramenta eficiente, para que contribuam no respeito entre as pessoas e a resolução de conflitos.

Dentro da concepção dos jogos cooperativos encontramos a necessidade de analisar criticamente a estrutura competitiva que é imposta aos alunos por todos, esta estrutura está enraizada de forma inconsciente na sociedade de modo geral. Então cabe a escola dar a escolha de agir de forma mais respeitosa, procurando uma sociedade mais justa.

As instituições escolares podem intervir no perfil educacional de maneira intencional e programada, afastando das aulas de Educação Física a competição individual e buscando o desenvolvimento pelo prazer do desenvolvimento das potencialidades individuais, com espaço para expressar os sentimentos e entendimento pelo diálogo e respeitando as diferentes opiniões, sempre contando com a mediação do professor.

Construir valores e formar comportamentos sociais adequados pode favorecer para o entendimento dos sentimentos próprios e dos colegas, evitando a rivalidade gratuita. “A lógica proposta pelo Jogo Cooperativo, enquanto Pedagogia da Cooperação, é uma lógica

dialógica, que busca entre: visão e ação, teoria e prática, sonho e realidade.” (BROTTO, 1995 p. 5)

Entendemos as instituições escolares como espaço privilegiado da atuação dos professores e de intervenção educacional, para que o esporte possa promover a inclusão de todos num espaço que já lhe é de direito. SOLER afirma na fala de RABIOGLIO que, “não basta jogar, é preciso haver um projeto pedagógico que considere a introdução do jogo na classe, até sua realização, análise e avaliação.” (2002, p. 41).

As escolas em seus planejamentos anuais escrevem sobre formas educacionais que contribuam com um desenvolvimento saudável com uma educação de qualidade. Dentro da Educação Física buscamos a formação e desenvolvimento físico do aluno, aliado ao seu desenvolvimento social para um indivíduo autônomo e um cidadão crítico. “O jogo cooperativo incentiva a participação de todos, favorecendo o desenvolvimento harmônico das diferentes competências pessoais e inter-pessoais, especialmente no que diz respeito à promoção de valores humanos essenciais.” (BROTTO, 2001, p. 4)

As aulas de Educação Física proporcionam valiosas oportunidades de convivência e podem contribuir para aumentar a auto-confiança pelo trabalho com o apoio mútuo reforçando os vínculos do grupo, incentivando o trabalho em equipe. SOLER afirma que, “muitos valores surgem em situações de cooperação, assim como amizade, a sensibilidade, a ajuda mútua, a intercomunicação de idéias, e o orgulho de pertencer ao grupo.” (2002, p. 39) O trabalho com os valores não pode afastar o desenvolvimento das habilidades físicas dos alunos.

As brincadeiras e a diversão perderam espaço nas aulas de Educação Física, hoje compostas de jogos competitivos, valorizando as atividades previamente organizadas com regras rígidas que visam o melhor resultado final. Esse tipo de atividade mostra a criança a importância de vencer desvalorizando os que não estão entre os primeiros colocados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aulas com atividades de cooperação permitem que o espaço social do aluno na escola possa ser explorado de maneira ampla e contribui para um desenvolvimento saudável e pleno. A influência que os meios de propaganda produzem nos alunos, podem ser minimizadas quando suas experiências do dia a dia forem gratificantes e estimulantes, esquecendo da exclusão que provoca a competição.

Mudar as marcas que a história foi deixando dentro da escola vendo a competição como uma única forma de ação, sofrendo nos últimos tempos grandes transformações na medida em que a cooperação passa a ser entendida e difundida dentro das instituições não só entre os alunos como entre a equipe escolar em todas as atividades.

Todos precisam ter em mãos conhecimentos teóricos que aumenta as nossas possibilidades de atitudes em transformação, para isso a formação de professores é essencial dentro e fora do espaço escolar já que a vida não se resume a escola, mas a educação pode, na escola, deixar marcas positivas para a vida.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física.** Campinas: Papirus, 1998.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar!** 6 ed. Santos: Projeto Cooperação, 2001a.

_____. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência** 2 ed. Santos: Projeto Cooperação, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Mário Zero, 1983.

_____. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **O poder simbólico.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar!** 6 ed. Santos: Projeto Cooperação, 2001a.

EZPELETA, Justa.; ROCKWELL, Elise. **A escola: relato de um processo inacabado de construção.** In: pesquisa participante. Trad. Francisco Barbosa. São Paulo: Cortes: Autores Associados, 1989, p. 9-30

PIAGET, Jean. **O julgamento moral na criança.** Tradução: Elzon Lenardon. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977. Tradução de: Le jugement moral chez L' enfant.

PIAGET, Jean.; INHLELDER Barbel. **A psicologia da criança.** Tradução: Octavio Mendes Cajado. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989. Tradução de: La psychologie de L'enfant.

PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SOLER, Reinaldo. **Jogos cooperativos**. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

_____. **Jogos cooperativos para educação infantil**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

TEIXEIRA, Mônica. Afinal, de onde vem esses Jogos? Revista Jogos Cooperativos, Barueri, v. 1, p. 4, ago. 2001

Jamar Monteiro - Mestre

Graziele Andreia Malagó -Mestre

Mara Luiza Lordani - Mestre

Antonio Lopes Marinho - Mestre

Warley Almeida Santos - Mestre